

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

ANNO VIII

Em Aveiro: 50 números, 1\$000 réis; 25 números, 500 réis.
Fóra de Aveiro: 50 números, 1\$125 réis; 25 números, 570 réis. Brazil (moeda forte) e Africa Oriental, 50 números, 2\$000 réis.—Pagamento adiantado.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES

Anuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada linha, 20 réis; annuncios permanentes, preços convencionaes. Numero avulso, 20 réis; ou 100 réis no Brazil. — Redacção e administração, rua do Espirito Santo, 71.

N.º 410

AVEIRO

AINDA AS ELEIÇÕES

Passaram umas eleições e voltam outras. Com o resultado das primeiras estamos plenamente satisfeitos e por elle felicitamos os eleitores. Os republicanos não as disputavam, como sempre dissémos. Pelo contrario, o seu desalento era profundo pela attitude do directorio e d'ahi o abandono quasi completo em que deixaram correr o acto eleitoral, chegando alguns a abster-se de lançar na urna o seu proprio voto. Não era, pois, nosso fim, como, outra vez o repetimos, sempre declaramos, disputar as eleições e nem sequer obter para os nossos candidatos uma grande votação. O nosso fim era simplesmente conseguir, por espirito patriótico, que o sr. Dias Ferreira levasse dos eleitores d'esta cidade a licção que merecia pelas suas especulações em politica geral e pelos seus atrevimentos na politica local. E essa foi eloquentissima e frisante.

O sr. Dias Ferreira obteve, somados, em todas as assembleias d'esta cidade, a enorme quantia de **cento e vinte e oito votos**. Eis o valor de sua ex.^a e o valor dos seus influentes n'esta terra. Uma vez, entraram nas urnas, em Aveiro, mais listas brancas do que as que continham o nome do sr. Dias Ferreira. No domingo, onde existem centenaes e centenaes de eleitores, o sr. Dias Ferreira apenas alcança **cento e vinte e oito votos**, isto é, menos do que aquelles que obteve n'esta terra o candidato republicano nas ultimas e penultimas eleições de deputados e apenas mais **oitentá** do que os votos concedidos ao sr. Latino Coelho, tendo-se abtido muitos republicanos de ir á urna e não trabalhando nenhum energicamente pelo nosso eminente correligionario.

Eis o homem que na camara se vae dizer, pomposamente, deputado por Aveiro!

Não; a cidade repelliu-o energicamente e repelliu com elle todas as suas perfidias e todas as suas especulações. O sr. Dias Ferreira será deputado da Murtoza, d'Estarreja, de todas as assembleias rurais onde o governo lhe deu a escola d'uns centos de votos. Deputado d'Aveiro, **não o é**. N'isto se cifra tudo. Queremos dizer, n'isto se cifra tudo por ora. Porque, de resto, urge varrer de vez essa vergonha, e torna-se, mais do que nunca, necessario a nossa dignidade, aos nossos sentimentos de povo honrado e digno, dar ao especulador uma licção mais severa do que aquella que recebeu no domingo. Torna-se necessario que nas proximas eleições não seja pouco votado, mas seja derrotado.

Para isso nos iremos preparando e comnosco todo o publico honesto que nos lê.

Passaram, pois, umas eleições. Mas veem outras! Mas no domingo trata-se d'um caso importantissimo para o concelho de Aveiro. Ou continuarmos á mercê da companhia dos malandros, d'esses quadrilheiros infames que pelos seus roubos e pelas suas patifarias sem igual se tornaram celebres em todo o paiz, ou readquirirmos o nos-

so posto de povo austero e digno. Isto não póde continuar assim. Deu-se a questão das irmãs da caridade; inaugurou-se a estatua de José Estevão; admirámos o paiz com a nossa conducta brilhante. Mas a verdade é que no fundo estâmos escravizados e deshonrados como estavamos até ahi. Manuel Firmino d'Almeida Maia é governador civil substituto d'este districto e presidente da camara municipal d'Aveiro. E' governador civil substituto por mercê do sr. José Luciano de Castro e continuará sendo presidente da camara por mercê do mesmo e do seu *illustre* irmão Francisco de Castro Mattoso Corte Real.

Sim, saibam-n'ó todos os leitores. Manuel Firmino de Almeida Maia, ou a quadilha que elle comanda, vae disputar as eleições municipaes de domingo com o apoio e applauso do *benemerito* sr. Francisco Mattoso. Eis o *benemerito*, eis o *amigo* d'esta terra!

Não importa; vão em boa companhia e de companhia os faremos andar. Temos poupado até hoje o sr. Mattoso, porque nunca combatemos os homens senão quando a necessidade politica nos impelle até ahi. Uma vez, porém, que o sr. Mattoso se revela o mais torpe dos especuladores, uma vez que o sr. Mattoso, concordando, como tem concordado cem vezes, que a quadilha dos firminos é incompatível com a vida honesta d'esta terra, é hoje exactamente quem procura sustenta-la no poder, nós demonstraremos ao publico que nunca Francisco Mattoso foi mais coherente e mais *digno*, porque nunca elle valeu mais nem valeu menos do que o seu *collega* e amigo Manuel Firmino d'Almeida Maia.

Conte comnosco, que não ha de contar mal.

Seja como fôr, estamos convencidos de que a nobre população aveirense não será capaz de supportar a infamia que se prepara.

Pois quê? Pois provou-se que Manuel Firmino d'Almeida Maia **roubou seis contos de réis** ao municipio e os municipes hão de ir votar n'esse homem ou em lista por elle recommendada? Pois provou-se que esse homem é chefe d'uma verdadeira quadilha, capitão da companhia de malandros mais malandros que tem havido no paiz, e esse homem ha de ser presidente da camara municipal de Aveiro? Pois nós provámos com documentos publicos quanto havia d'asqueroso n'esse grilheta, no filho, nos compadres, nos amigos d'esse miseravel, e o bandoleiro infame ha de continuar a desempenhar a mais alta missão dos povos livres?

Não póde ser. Seria a maior vergonha, a maior degradação d'esta terra. A cidade de Aveiro seria n'esse dia mais infame, mais repellente, mais hedionda que o hediondo grilheta. Cobria-se d'ignominia eterna e nós teriamos, e comnosco todos os escriptores que teem pugnado pela gloria d'Aveiro, de quebrar os bicos a esta pena, que tantas vezes tem defendido a nossa terra e que n'algumas d'ellas concorreu para a cobrir de brilhantismo e gloria.

Não póde ser. Nós confiamos ainda no brio e na independencia dos filhos d'Aveiro. E ai de nós

quando essa esperança se esvaír de todo.

A' urna pela Liberdade!
A' urna pela Cidade de Aveiro!

O Povo de Aveiro publicará esta semana os supplementos que a campanha eleitoral reclamar.

Marques Villar finge de honesto.

Se vingança quizessemos do clericalismo pelintra, que não cessa para ahi de conspirar contra a liberdade e a patria, vingança tinhamos nós. Manuel Ceguinho, Fernando Cego e Marques Villar! Eis os apoios da Igreja. Eis os campeões do clero.

Uns definem os outros. Marques Villar finge de honesto. Quem viu este tratante com casa de prégo, quem o viu esfaquear a bolsa do pobre, depois de ter esfaqueado a *propria* bolsa, tem horror d'este malandro. Padralhada, vil padralhada, bando de corvos, n'esse bandalho se define a vossa doutrina e ahi se explicam os vossos processos!

Mentir sempre, roubar sempre, intrujar sempre!

Marques Villar finge de honesto. E o padre Vieira deita-lhe a benção celestial!

Quem leu este porco immundo na *Voz de Estarreja* e quem o lê hoje nos *Successos* pasma da infamia dos homens attingir uma altura d'aquellas, mais alta que a torre Eiffel e mais colossal que o gigante Adamastor!

A consciencia dos padres! Um barril do lixo, que recebe as imundicies e os escarros de todos que passam.

Sim, senhores. E' um miseravel o padre que se vae associar áquelle grilheta na mais abominavel de todas as especulações. Ha padres honrados, não o contestâmos. Mas é o mais crapuloso vadio o padre, que sem vergonha de si, nem da sua classe, nem da sua missão, recebe em cada sabbado de cada semana o yomito d'aquelle lazarento, o qual, depois d'especular com tudo, até especula com a nobre missão do jornalista; d'aquelle vilissimo canalha, que rasga hoje da porta da latrina os improprios contra os mesmos padres, e a religião que elles dizem defender, improprios que hontem alli affixou enganando então os ingenuos que lhe ouviam os arrotos de *livre pensamento*, como póde hoje enganar as almas candidas que lhe ouvem os protestos de fidelidade á santa religião.

Ai, canalha, ai, padres devassos, crapulosos, corruptos, que ides levar com este vergalho no lombo até vos cahir a pelle aos pedaços!

Ainda bem que appareceste para nos entreter os ocios. Faltavamos conversa.

Carta de Lisboa

25 de Outubro.

Passaram as eleições e se muita gente as considera um desastre para a causa republicana, eu considero-as um triumpho. E n'isso sou

coherente na conducta que venho seguindo ha muito com os chefes do partido democratico.

Fartei-me d'escrever n'este mesmo local que as inepcias e os crimes dos dirigentes republicanos haviam de dar com tudo em pantana. Annos seguidos accumulei provas sobre provas para demonstrar quanto era errada, quanto era imbecil e criminosa a direcção que se estava imprimindo ao partido. A minha voz foi sempre de protesto contra essa direcção nefasta e sempre de combate contra os homens que presidiam á politica republicana.

Não faltaram gritos, nem calumnias contra mim. Afinal o ultimo congresso demonstrou em parte a verdade das minhas afirmações, que os resultados eleitoraes de domingo passado plenamente confirmaram.

O meu amor proprio, se em questões de tamanha monta se podesse attender a miserias d'essas, devia-se dar por satisfeito. Mas, pendo isso de parte, são as minhas convicções e a minha qualidade de soldado fiel á causa democratica, que me fazem exultar n'este momento.

De facto, cem vezes eu disse, quando me objectavam que a minha conducta provocava um desastre para o meu partido, que era bem preferível esse desastre á continuação das coisas no caminho em que iam. Que só depois d'esse desastre é que o partido poderia abrir os olhos e erguer-se. Que era, portanto, não só indispensavel mas urgente.

O desastre deu-se, emfim. E deu-se com plena consciencia de todos os republicanos. E deu-se, não só previsto, mas até provocado por muitissimos dos nossos correligionarios, os quaes comprehendiram que era necessario dar um cheque no directorio para depois levantar o partido.

Tal qual o que o *Povo de Aveiro* sempre aconselhou e defendeu.

Nós, pois, somos coherentes considerando a diminuição dos nossos votos no domingo passado mais como um triumpho do que como um desastre. Se a diminuição dos votos fosse pura e simples, sem envolver outra significação que a significação numerica, as eleições de domingo teriam, de facto, sido desastrosas para o partido republicano. Desde o momento, porém, que o corpo eleitoral de Lisboa deu o triumpho ao sr. Latino Coelho, que fôra posto em ultimo logar pelo directorio, e collocou o sr. José Elias Garcia, o mais responsavel pela direcção do partido, abaixo de todos os candidatos, a eleição de Lisboa não foi uma derrota, mas uma licção eloquentissima, onde ha muito que aprender. Mais do que uma licção: um triumpho para a causa democratica, que se vê livre dos parasitas que lhe minavam a vida, dos trambolhos que lhe dificultavam a acção.

De resto, o partido fez o que devia fazer e as coisas sahiram como se esperavam. O sr. José Elias Garcia e o sr. Consiglieri Pedroso não podiam mais ser deputados. A politica republicana não é, não póde ser, não deve ser uma politica de serrallo, como o sr. Pinheiro Chagas definiu a politica monarchica. Os republicanos não podem, nem devem abdicar da sua autonomia para seguirem, em nome d'es-

se palavrão estulto que se chama a *disciplina partidaria*, os chefes do partido em todos os seus conubios d'ambições rasteiras e d'interesses vis. Quem não tiver a independencia, o desprendimento, a abnegação indispensavel para dirigir um agrupamento de lucta, de protesto energico, de combate sem tréguas ás podridões que se ostentam ahi, que se vá embora, que se deixe de ludibriar a consciencia publica e de enganar a propria consciencia. Mas se levam tão longe a falta de pejo e d'escrupulos que não duvidem jogar com uma grande causa, com nobilissimas aspirações, os seus sordidos interesses pessoais e as suas vaidades repugnantes, se onde todos sacrificam uma parcella das suas necessidades, das suas tranquillidades, do seu bem pessoal ao bem commum, ha quem pretenda folgar e servir-se, o partido que não empurrar esses homens com o bico da bota para o enxurro onde nasceram e d'onde nunca deviam ter sahido, é um vilipendio na historia, um estigma no progredir incessante, mas honesto, das sociedades para melhores futuros ou melhores conquistas e torna-se por isso indigno de qualquer nação ou qualquer povo civilizado.

Assim falámos sempre, quando os ingenuos cerravam punhos contra o demagogo que perturbava os exploradores hypocritas. Assim falámos hoje, quando todos se convencem de que, realmente, na direcção do partido republicano não tem havido senão explorações, senão mercantilismos indecentes, senão vaidades peçonhentas, senão inepcias sem nome e pataratices sem igual.

Ergam lá os chuchos outra vez contra o indisciplinado! Que dos bicos d'esta penna, ou das extremidades d'este *fuciro*, se quiserem, hão de continuar brotando as verdades, limpidas como nos prezâmos de ter a consciencia, e lavadas como os ideaes d'este povo, tão merecedor de venturas e sedento de boa e sã politica, e entretanto tão ludibriado até hoje por todos os ciganos quadrilheiros d'esta terra, que, mercê não sabemos bem de quê pullulam nas alturas de todos os partidos e de todas as instituições, ainda as mais respeitaveis e as mais santas.

O sr. Elias Garcia, como iamoz dizendo, e o sr. Pedroso não podiam mais ser deputados por Lisboa. O sr. Elias Garcia tem prestado, é certo, serviços ao partido republicano. Mas já no tempo de Adão e Eva se dizia que cada um é para aquillo que é e não para aquillo que quer ser. O sr. Elias Garcia está muito bem a tratar de eleições. O partido reconhece-lhe os seus serviços e agradece-lh'os. Está muito mal na camara dos deputados. Não tem temperamento para isso. E' degradante para um partido de protesto e combate ter um representante mudo no parlamento, que deixa passar sem uma palavra de critica as mais momentosas questões da vida portugueza e sem uma censura energica as maiores e as mais escandalosas patifarias. Se o sr. Elias Garcia trata bem dos trabalhos eleitoraes por dedicação ao partido, fique n'esse campo, que ahi é *benemerito*. Se trata d'elles para servir as suas vaidades ou a sua pessoa, isto é, se em paga dos seus trabalhos elei-

toraes quer ser deputado, então os seus serviços convertem-se em des-serviços e s. ex.^a, de trabalhador e prestante, converte-se em para-sita e trambolho.

Nem mais, nem menos.

Nenhum espirito hostil nos move contra s. ex.^a. Pelo contrario. Mas assim como em tempo, quando nos acoimavam de despeitado, só obedecemos ao espirito republicano para escrever de s. ex.^a e dos seus collegas o que a nossa consciencia nos dictava, assim hoje, que certas circumstancias nos aproximaram mais de s. ex.^a, o mesmo espirito nos dicta as mesmas verdades.

Em circumstancias identicas se encontra o sr. Consigliere Pedroso. Este podia, mas não quer. S. ex.^a entrou na camara perfeitamente, desempenhando o seu papel republicano a contento de todos. Mas a breve trecho mudou de conducta, passando de parlamentar distincto a tagarella importuno, como nos dizia ha dias um nosso talentoso amigo. O que motivou essa reviravolta do sr. Consigliere Pedroso? Não sabemos. S. ex.^a decahiu intellectual ou moralmente, convenceu-se da necessidade de seguir outros processos, ou mudou de rumo? O tempo o dirá.

Fosse como fosse e seja o que fôr, s. ex.^a não estava á altura, ultimamente, de deputado republicano. A sua obediencia, consciencia ou inconsciente, ao sr. Fuschini, as suas tagarellicas, a sua falta, por conseguinte, de altivez, energia e independencia politica, collocaram-no abaixo da alta missão que tinha a cumprir em S. Bento.

D'ahi a votação que tanto magoou o illustre professor do curso superior de letras, mas justificada e justa. Reunida a camara constituinte do partido republicano, com os representantes dos jornaes e centros de Lisboa, doze dos mais considerados d'esses representantes votaram contra a reeleição do sr. Pedroso e do sr. Elias Garcia. Entendeu o sr. Pedroso que n'essas condições não devia aceitar a reeleição, embora a maioria da assembleia se tivesse pronunciado por ella, e entendeu muito bem. Entendeu o sr. Garcia que se devia impôr ao corpo eleitoral, provavelmente convencido da phrase que o sr. Theophilo Braga, depois de o ter descomposto nas *Soluções Positivas da Política Portuguesa*, soltou a seu favor na mesma assembleia, isto é — que o sr. Elias Garcia até era eloquente quando estava calado!

Convenceu-se talvez, repetimos, da phrase do sr. Theophilo Braga, caracter safado que para todos, já hoje, perdeu a importancia e a au-

toridade moral de que tantos annos gosou. Convenceu-se d'isso. E o corpo eleitoral deu-lhe a lição que merecia.

Eis os factos. E ninguem dirá depois d'elles que as ultimas eleições não fossem d'um valor importante para o partido republicano. Viu-se que o povo desperta do seu profundo lethargo e não está mais resolvido a abdicar os seus direitos e a sua autonomia em quem quer que seja e a qualquer partido que pertença.

Quanto ao mais, é certo que as votações republicanas diminuíram consideravelmente na provincia. Mas tudo isso estava previsto, como estava previsto que em Lisboa ficaríamos nas condições que se conhecem. O que se estava passando d'incuria, de desleixo, d'inepcia, de incoherencia não deixavam duvidas a ninguém. O directorio não se reunia. O sr. Elias Garcia estava em Azeitão. Mas parecia que estava na Persia! O sr. Magalhães Lima corria em Paris atraz das *cocottes*. O sr. Theophilo Braga inventava larachas e... canivetes para dar um *golpesinho* nos seus inimigos. E o partido á espera que lhe dêsem avisos e ordens electoraes! Todos os partidos conheciam os seus candidatos. Só o partido republicano os desconhecia! Todos os partidos redobravam d'actividade e energia. E o partido republicano sem um comicio, sem uma reunião eleitoral, sem um artigo caloroso, ao menos, nos seus diarios de Lisboa! Todos os partidos punham a postos as suas influencias da provincia. E o partido republicano nem listas possuía para distribuir pelos seus eleitores, além do directorio não ter escripto, nem de qualquer modo sollicitado o apoio dos melhores republicanos de provincia!

Além d'isso, era candidato por Lisboa o sr. Elias Garcia, que, como já vimos, não tinha auctoridade para se apresentar aos eleitores. Era candidato pela ilha da Madeira um imbecil, que ainda n'outro dia declarava n'um comicio que não queria ser deputado, declaração que mais tarde repetiu, em termos cathoricos, no *Seculo*. Famosa coherencia! Outro candidato pela ilha da Madeira, o sr. Manuel d'Arriaga, publicava um manifesto que mais parecia escripto por um caloiro sem talento, manifesto vasio de logica, de grammatica e ideias, do que por um chefe de partido.

Que esperar de tudo isto? O que havia de sahir de tanta imbecilidade, tanta incoherencia e tanto desleixo?

Ergâmos as mãos ao céu, que tivemos mais do que era justo que

tivéssemos, ou por outras palavras, que tivéssemos aquillo que não mereciamos.

E continuaremos no domingo commentando estes casos.

Y.

O SR. MATTOSO NA BERLINDA

Informam-nos de boa fonte que o sr. José Candido Gomes de Oliveira Vidal, prior da freguezia da Senhora da Gloria, e um dos mais influentes e prestimosos membros do partido progressista d'esta cidade, abandonou completamente este partido.

Começa a surtir effeito a protecção do sr. Francisco Mattoso á malandragem firminista. E hão de vêr que a coisa ainda não fica por aqui.

O *benemerito* sr. Mattoso pretendia sujeitar os seus correligionarios de Aveiro a um papel indigno, tentando assim acobertar as tratantadas dos firmimos. A resposta do sr. padre José Candido não podia, portanto, ser melhor.

Sabiu-nos um *grande amigo* d'esta terra, o sr. Mattoso, á ultima hora arvorado em protector d'uma infame quadrilha de piratas. Que degradação!

Havemos de ter conversa larga, descance. Já que assim o deseja, assim o terá.

EXPEDIENTE

Continuámos a rogar aos nossos estimados assignantes de Aguada de Cima, Arada, Costa de Vallade, Eirol, Eixo, Frossos e Vista Alegre, que se acham em debito a esta administração, o favor de mandarem saldar as suas contas.

E' obsequio que muito nos penhorará.

NOTICIARIO

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa na tabacaria Monaco, praça de D. Pedro, 21.

Falleceu na segunda-feira de tarde, subitamente, o sr. coronel Bento da França Pinto de Oliveira, commandante de cavallaria 10. Foi victima de uma lesão cardiaca.

embalsamavam a atmospheria. Mas estes eram os unicos signaes que, nos arredores de Lisboa, revelavam aquella estação suave no seu clima suavissimo. Tudo o mais contrastava horivelmente com elles. Os extensos e bastos olivedos e azinhas que n'essas éras a rodeavam jaziam aqui e alli por terra, como se por lá tivesse passado fouce gigante meneada por braço de ferro. Pelos outeirinhos, coroados pouco havia de vinhas frondosas, viam-se espalhadas as videiras cobertas de folhas ressecadas antes de tempo ou enegrecidas pelo fogo, assemelhando-se a gandra coberta de urzes que foi desbravada por fins d'outomno. As vastas hortas que se derramavam por Valverde, trilhadadas pelos pés dos cavallos, estavam incultas e abandonadas. Mas, sobre este mal assombrado e triste chão do painel, mais melancolica e afflictiva avultava ainda a figura principal, a cidade.

O populoso bairro chamado o *arrabalde*, onde, d'antes, era continuo o ruido discorde de tracto immenso, achava-se convertido em montão de ruinas. Para os lados do sul e poente, não se viam, desde os antigos muros (cujo perimetro pouco mais abrangia do que o castello e o bairro a que hoje damos geralmente o no-

O tristissimo acontecimento impressionou toda a cidade, porque o illustre finado havia captado aqui geraes sympathias pelas suas excellentes qualidades, bello caracter e porte distincto. Era o verdadeiro typo de militar.

O regimento de cavallaria perden em Bento da França um nobilissimo commandante e a officialidade e soldados, de quem elle era querido e estimado, um leal camarada e um bom amigo. Para a sua desolada familia representa esta morte uma perda enorme.

Bento da França sentára praça em 1851. Foi promovido a alferes em 1855, a tenente em 1864, a capitão em 1872, a major em 1881, a tenente-coronel em 1884 e a coronel em 1888, sendo collocado no commando de cavallaria 10.

Possuia algumas condecorações.

O enterro do illustre extinto foi numeroso e um dos mais imponentes que se teem visto em Aveiro.

Iam alli representadas todas as classes da sociedade, formando duas extensas filas; seguia-se depois o feretro conduzido por 1.^o sargentos e após o tenente-ajudante sr. Julio A. Ferreira com a espada e capacete que pertenceram ao finado.

Depois iam os srs. major do regimento, sargento Almeida e Fernandes Thomaz, levando tres ricas corôas. Uma, de jasmims amores perfeitos e heras, tinha esta dedicatória: «Ao seu sempre lembrado commandante Bento da França. Os officiaes de cavallaria 10.—21—40—89.» Outra, de violetas, jasmims e rosas, com esta inscripção: «As lagrimas dos seus verdadeiros amigos. Os officiaes inferiores de cavallaria 10.» E na outra, de violetas, jasmims e heras, lia-se: «Ao coronel Bento da França. 21—40—89.—Fernandes Thomaz e Monteiro.»

Atraz iam os bombeiros voluntarios, o regimento de cavallaria e respectiva charanga, o destacamento de infantaria 23 aqui destacado, os corpos de policia civil e fiscal e alguns trens.

No prestito funebre tomava tambem logar um dos cavallos do finado, desferrado e coberto de crepes.

Da porta do cemiterio para a capella foi o feretro conduzido por officiaes superiores.

Levara a chave do caixão o sr. Espregueira, governador civil do districto.

No cemiterio, o talentoso academico sr. José Cunha fez um

brilhante improviso, enaltecendo o caracter e bellas qualidades do malogrado extinto.

Pouco depois, como nltima homenagem, o regimento dava as descargas do estylo. Era quasi noute.

Associâmo-nos á profundissima dôr que ora punge a illustre familia do saudoso morto e o brioso regimento de cavallaria 10.

Em circular que temos presente, participa-nos o sr. Antonio Ignacio da Fonseca que acaba de abrir uma agencia de fundos publicos nacionaes e estrangeiros e outras operações de natureza bancaria, na rua do Arsenal n.º 60, 1.º, e 62 e 64, em Lisboa.

Em 1861, quando falleceu D. Pedro V, devia Portugal réis 131.247.004\$545 réis, pelo que se pagavam 3.937.410\$136 réis anualmente.

Em 1889, em que acaba de fallecer D. Luiz I, Portugal fica devendo:

600.000 contos de divida consolidada;

20.000 contos de divida fluctuante;

8.000 contos de deficit;

Paga 20.000 contos de juros.

As receitas subiram mais duas partes e todavia pediram-se emprestados 300.000 contos.

Foram 28 annos de bom reinado!...

Encontrámos no *Districto de Leiria* a seguinte noticia, referente á descoberta de um novo remedio contra a phyloxera:

«O sr. Antonio da Silva Carvalho, artista, d'esta cidade, acaba de nos comunicar que descobriu um remedio que julga efficaç contra a phyloxera.

Diz que a primeira experiencia foi feita em março do corrente anno em uma vinha que um seu parente possui na Ribeira das Côrtes, que é a região do nosso districto que mais tem soffrido com o terrivel mal.

A vinha tratada diz-nos o sr. Carvalho, que no anno passado já não tinha produzido nada, e este anno, graças á applicação do insecticida por elle descoberto, rebentou ostentando umas varas novas, cheias de vida e produzindo fructo regular.

Esta vinha é propriedade do sr. Antonio Pereira Santo, do logar das Côrtes, e situada entre propriedades que alli possui o sr. José Charters Henriques de Azevedo.

A Ribeira das Côrtes, está to-

das armas, o loução dos trajos, o riego dos arreios, tudo, enfim, dava clara mostra de que n'aquella cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal. Os risos das damas, os dictos galantes e agudos dos fidalgos, o rinchar alegre dos corceis briosos e dos delicados palafrens, as doudices dos donzeis, que, ora correndo á rêdea solta, ora soffrendo os cavallos, ao perpassar pelas mulas pacificas dos cortezaos letrados, os faziam vacillar e debruçar sobre os arções, o bater das azas dos nebris e girifaltes empoleirados nos punhos dos falcoeiros, o latir dos galgos e allãos, que, atrelados, forcejavam por se atirarem acima d'aquelles centenas de habitações derrocadas, d'onde sabia de vez em quando uma exhalação de carniça: este rir, este folgar, este ruido de contentamento, este matiz de reflexos metalicos, de côres variadas, passando, como turbilhão, através d'aquelle silencio sepulchral, parecia rasgar o véu de tristeza que cobria a vasta área da cidade destruida e revocá-la a uma nova existencia.

(Lendas e Narrativas.)

ALEXANDRE HERC

(Continúa.)

ARRHAS POR FORO DE HESPAÑHA

VII

Juramento, pagamento

Passára mais de um anno depois do casamento d'el-rei. Este casamento, que explicava o repudio da infanta de Castella, não bastára, em verdade, para accender a guerra entre D. Henrique e D. Fernando, estando já de algum modo previsto nos capitulos addicionaes do tractado de Alcoutim. Mas, como se o desgosto que semelhante offensa devia gerar'no animo do rei castelhano não fosse assás forte para servir de fermento a futuras guerras, D. Fernando suscitára novos motivos de sérias desavenças, que não particularisaremos aqui, por não virem a nosso intento. Baste saber-se que, depois de inúteis mensagens e queixas, D. Henrique de Castella, entrando subitamente em Portugal e tomando muitas terras fortificadas, atravessára rapidamente a Beira, passára junto aos muros de Coimbra, onde se achava D. Leonor Telles, e vin-

do offerer batalha a el-rei D. Fernando, que estava em Santarem e que não acceitou o combate, se encaminhára para Lisboa, cujos habitantes desapercebidos apenas tiveram tempo de se acolherem aos antigos muros do tempo de Affonso III, de cujas torres e adarves viram os castelhanos saquearem e queimarem o bairro mais povoado e rico da cidade, o arrabalde, sem lhes poderem pôr obstaculo. No meio d'este apertado cerco, desamparados d'el-rei, que apenas lhes enviára alguns dos seus cavalleiros, os moradores de Lisboa não tinham desanimado. Com varia fortuna, haviam resistido aos commettimentos dos castelhanos e, o que mais duro era de soffrer, á fome, á sede e, até, ao receio de traições de seus naturaes. Finalmente, D. Fernando fizera uma paz vergonhosa, depois de ter suscitado uma injusta guerra, e Lisboa viu afastar dos seus muros o exercito d'el-rei de Castella, que a tivera sitiada durante quasi dcis mezes.

Era nos fins de maio de 1373, pela volta da tarde de um formoso dia de primavera. O ar estava tépido, e o céu limpo. Pelos campos e valles via-se verdejar a relva; a madresilva e as rosas bravias, enredadas pelos vallados,

da perdida, e a vinha em questão, dizem-nos que este anno se differenciava bem de todas as outras.

Sabemos que muitos proprietarios teem já pedido ao sr. Carvalho, para applicar o seu insecticida nas suas vinhas, ao que elle não tem annuido senão tratando 2 ou 3 cepas, unicamente para provar os bons resultados.

No estado actual e decadente da nossa viticultura, tudo se deve aproveitar, e por isso julgamos conveniente que se proceda desde já a uma rigorosa pesquisa na vinha indicada, e se empreguem todos os meios para averiguar a efficacia do tratamento.

As grandes descobertas teem sabido quasi sempre de casos isolados e que á primeira vista não apresentam importancia alguma.

Quem nos diz que o novo insecticida, como o prepara o sr. Carvalho, ou com algumas modificações, venha a reanimar essa grande quantidade de vinhas que se acham perdidas no nosso paiz?

Os professores primarios de Castello Branco desde outubro do anno passado que não recebem as gratificações por serviços extraordinarios.

E viva o bello calote!

A phyloxera está causando sensiveis estragos em Hespanha, nas margens do Douro.

A zona atacada pelo terrivel parasita mede uma area de 324 hectares.

No intervallo de um anno teem sido atacadas mais de 600:000 cepas.

As povoações que soffrem com a invasão da epizootia offereceram terrenos para videiras americanas.

Diz-se que vão ser tomadas energicas providencias.

Eis a nota dos presidentes dos governos nomeados pelo fallecido rei D. Luiz I:

Marquez de Loulé—De 14 de novembro de 1861 a 12 de novembro de 1862. (Este ministério fôra formado a 4 de julho de 1860).

Visconde de Sá da Bandeira—De 12 de setembro de 1862 a 6 de outubro do mesmo anno.

Duque de Loulé—De 6 de outubro de 1862 a 17 de abril de 1865.

Marquez de Sá da Bandeira—De 17 de abril de 1865 a 4 de setembro do mesmo anno.

Joaquim Antonio de Aguiar—De 4 de setembro de 1865 a 4 de janeiro de 1868.

Conde de Avila—De 4 de janeiro de 1868 a 22 de julho do mesmo anno.

Marquez de Sá da Bandeira—De 22 de julho de 1868 a 11 de agosto de 1869.

Duque de Loulé—De 11 de agosto de 1869 a 19 de maio de 1870.

Duque de Saldanha—De 19 de maio de 1870 a 29 de agosto do mesmo anno.

Marquez de Sá da Bandeira—De 29 de agosto de 1870 a 29 de outubro do mesmo anno.

Marquez de Avila e Bolama—De 29 de outubro de 1870 a 13 de setembro de 1871.

Fontes Pereira de Mello—De 13 de setembro de 1871 a 5 de março de 1877.

Marquez de Avila e Bolama—De 15 de março de 1877 a 28 de janeiro de 1878.

Fontes Pereira de Mello—De 29 de janeiro de 1878 a 1 de junho de 1879.

Anselmo Braamcamp—De 1 de junho de 1879 a 25 de março de 1881.

Antonio Rodrigues Sampaio—De 25 de março de 1881 a 14 de novembro do mesmo anno.

Fontes Pereira de Mello—De 14 de novembro de 1881 a 24 de outubro de 1883.

Fontes Pereira de Mello—De 24 de outubro de 1883 a 20 de fevereiro de 1886.

José Luciano de Castro—Desde 20 de fevereiro de 1886.

Dos doze filhos que teve a rainha D. Maria II, só existe actualmente a senhora infanta D. Antonia.

Eis as datas em que todos os outros teem fallecido:

1848—infanta D. Maria (á nascença).

1850—infanta D. Estephania (á nascença).

1852—infante D. Leopoldo (ao nascer).

1853—15 de novembro—D. Eugenio (ao nascer).

1861—6 de novembro—infante D. Fernando, com 15 annos.

1861—27 de dezembro—infante D. João, com 20 annos.

1861—11 de novembro—el-rei D. Pedro V, com 24 annos.

1884—5 de fevereiro—a infanta D. Marianna, com 39 annos.

1889—15 de setembro—o infante D. Augusto, com 42 annos.

1889—19 de outubro—el-rei D. Luiz I, com 51 annos completos.

Vae proceder-se no porto de Toulon á experiencia de uma nova boia de salvação, a qual contém um recipiente construido de modo a expellir sem interrupção o azeite que encerra.

Escolher-se-ha um dia de muito vento para a experiencia. A boia será lançada ao mar por um navio em andamento, e uma outra embarcação seguil-a-ha, para constatar se realmente o azeite possui a propriedade de impedir a formação de grandes vagas.

O tempo tem estado de verdadeiro inverno. Choveu copiosamente quasi toda a semana e em algumas noutes ventou fortemente.

As ruas da cidade... um lamaçal pegado.

Além d'outros estragos occasionados pelo mau tempo, vieram a terra as paredes d'uma capella que anda em construcção no cemiterio.

A estação telegraphica de Pegueiro foi transferida para a villa de Sever do Vouga.

No reino de Dahomé ha um costume extremamente barbaro e curioso ao mesmo tempo.

Quando aponta aquellas paragens um navio portuguez, é lançada ao mar uma donzella, a quem dão recados do rei para o pae que está no outro mundo, e, durante dois dias, ninguém pôde ir ao mar ou aproximar-se da praia. A rapariga entrega-se com a maxima satisfação a este sacrificio, compenetrada de que é uma honra para ella ser escolhida para este fim.

Da parte do rei constitue isto uma prova de reverencia e respeito para o rei de Portugal.

Os preços porque correm no mercado de Aveiro os diversos generos, são os seguintes:

Feijão branco (20 litros)...	800
Dito vermelho.....	600
Dito laranja.....	960
Dito manteiga.....	740
Dito amarelo.....	760
Milho branco.....	580
Dito amarelo.....	580
Trigo.....	900
Ovos (cento).....	13100
Azeite (10 litros).....	23100
Batatas (15 kilos).....	250

Pensa-se actualmente em Franca na criação de Casas de Trabalho, destinadas a socorrer os infelizes, que não encontram facilmente meios de grangear a subsistencia.

Esta ideia é mais ampla, mais completa, mais efficaz do que a que presidiu á criação dos Albergues Nocturnos. Estes asylos abrem todas as noutes as suas portas áquelles a quem a miseria deixou sem um abrigo; mas, sendo já muito importante este acto de caridade, não é todavia sufficiente.

A primeira Casa de Trabalho foi fundada em Genova, em 1880. Está aberta a todos. Quando

um individuo, homem ou mulher, capaz de trabalhar, se apresenta na repartição de beneficencia publica, é-lhe dado um bilhete para a Casa de Trabalho. Alli é logo admittido, sem outra formalidade. O director procura logo um emprego que lhe esteja mais adequado. Assim occupado e mantido, quando chega o fim da semana aprecia-se-lhe o trabalho e paga-se-lhe conforme o que tiver feito.

A utilidade d'um estabelecimento d'esta ordem é incotestavel: fornecer trabalho a todos os que, cheios de boa vontade e victimas de fatalidade, o não tenham encontrado, assegurar-lhes a existencia, para os livrar da mendicidade, da fome e talvez do crime, é a solução d'um problema philanthropico da mais alta importancia.

Em Genova, segundo diz um relatório de 1880, existem 609 individuos recolhidos durante um anno na Casa de Trabalho, prestando 23:408 dias de trabalho. Em certos dias havia 180 trabalhadores reunidos, sendo a média geral de 64.

O ganho médio de cada um individuo é approximadamente 60 réis diarios, além da comida avaliada em 80 réis, havendo operarios que, afóra a pensão, recebem 15000 ou 15500 réis por semana.

São ministradas duas refeições no dia, uma ás 11 da manhã e outra ás 5 da tarde.

Quando um homem, pelas suas aptidões e pela sua applicação, pôde grangear maior salario do que lhe fornece a Casa de Trabalho, auxilium-n'o a procurar emprego em qualquer officina de fóra.

Em Genebra abriu-se tambem uma Casa de Trabalho em dezembro de 1887. Começou por empregar perto de cem pessoas.

O beneficio que uma instituição d'este genero traria ao nosso paiz é de absoluta evidencia. A vadiagem e a mendicidade são, por via de regra, os primeiros passos para o crime.

Dizem os jornaes do Brazil, que no Paraná vive um homem que andou nos exercitos de Napoleão e esteve em Waterloo.

Chama-se Schanewerb: nasceu no Hanover, em 1778, tendo portanto a bonita idade de 111 annos.

Schanewerb tambem esteve em Portugal combatendo ás ordens de D. Pedro IV, e apesar dos seus 111 janeiros, está em seu perfeito juizo, trabalha ainda bem a pé e monta a cavallo.

Dizem de Villa Real que a administração do Asylo de Chaves contratou algumas irmãs hospitaleiras para tratar das asyldas.

Excellent acquisition. Os mannos da tal administração, juntos com as manas, hão de transformar em pouco tempo o asylo n'um coio jesuitico d'estalo!...

O que se vê é que os forquetas estão por ahí espalhados...

Publicou-se o n.º 73 da Revista Popular de Conhecimentos Uteis.

Eis o sumario:

Depois da morte—A chimica sem laboratorio—As quarantenas (III)—Uma modificação da albumina do ovo util á alimentação—Eschola. Marquez de Pombal, em Alcantara—A pilha-placa do Instituto Electrico-Medico e Dynamotherapico de Paris—A variola e a vaccina—Como se faz o chá?—Carne estufada á hespanhola—Seda marinha—O que um homem consome durante a vida—Papel de filtros resistente—Invento curioso—Modo de tirar as propriedades venenosas aos cogumelos—Conservação da nata, segundo Appert—Colla de arroz para livreiros—Nova saccharina—Le monde vu par les savants.

Redacção e administração, rua de Santo Antonio dos Capuchos, n.º 51.

O Esqueleto

N'uma terra onde não abunda o gosto pelas letras, e onde se preferem as flôres dos bosques e dos jardins ás flôres do espirito, é caso para se festejar o apparecimento de qualquer livro de que se tire utilidade real.

Camillo Castello Branco é sem questão um talento abençoado, uma alma inspirada e creadora, um coração expansivo e fiel aos grandes sentimentos e ás grandes concepções.

O Esqueleto, ultimo romance publicado pela Companhia Editora de Publicações Illustradas, é extra ordinario pela originalidade, pelo mimo, pelo estudo que revela.

Da collecção Camillo Castello Branco já estão publicados A Engeitada, O Bem e o Mal e O Senhor do Paço de Ninães.

Seguem-se:—Estrellas funestas—As tres irmãs—Memorias do carcere—Annos de prosa—A mulher fatal—Os brilhantes do brasileiro—A bruxa do Monte Cordova—A filha do doutor Negro—Estrellas propicias—O olho de vidro—Mysterios de Fafe—Quatro horas innocentes—Memorias de Guilherme do Amaral—O sangue—Vinte horas de liteira—As virtudes antigas—Lucta de gigantes—Cavar em ruinas—O santo da montanha—A doida do Candal—O retrato de Ricardina—A queda d'um anjo—Aguilha em palheiro—O judeu—Doze casamentos felizes—O demonio do ouro—A viuva do enforcado—Novellas do Minho—O regicida—A filha do regicida—Divindade de Jesus—Correspondencia epistolar—Theatro, etc., etc., etc.

Cada volume brochado custa 200 réis, encadernado em percalina 300 réis. Assigna-se no escriptorio da empreza, travessa da Queimada, 35, Lisboa.

COMMUNICADOS

A' direcção da Associação Aveirense

Ha perto d'um mez que falleceu Joaquim Antonio Vieira, que foi socio da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas. Pois até hoje ainda não foi pago á viuva a quantia a que tem todo o direito, segundo os n.ºs 1 e 3 do artigo 5.º, capitulo I, dos estatutos, isto apesar do sr. escripturario da associação estar já ha muito de posse dos documentos que foram exigidos á mesma viuva.

A sr.ª direcção não terá conhecimento d'isto? Ou a associação é propriedade do sr. escripturario?

A viuva pede apenas aquillo a que tem direito e nada mais. Por conseguinte a sr.ª direcção pratica unicamente um acto de justiça ordenando esse pagamento.

Ao sr. escripturario lembra-se a conveniencia de ser mais delicado e attencioso para com as pessoas que o procuram para assumptos da associação. E' coisa que pouco lhe custa e poupa-se assim a justas censuras. E não fica mal a ninguém ser delicado. Esperamos que o sr. Paixão se emendará.

Aveiro, 26 de outubro de 1889.
O. E.

RÉCLAMES

Vinho

Ha para vender na adega de Manuel F. Simões, da freguezia da Palhaça, 38:000 litros de vinho, approximadamente: a sua qualidade dispensa encarecimento, como o comprador verificará.

Loterias

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio do cambista de Lisboa, o sr. Antonio Ignacio da Fonseca, que vae publicado na respectiva secção.

Emulsão de Scott

Vianna do Castello, 16 de maio de 1886.

III.ªs srs. Scott e Bowne.

Tenho empregado a Emulsão de Scott, como tonico analeptico e reconstituinte, em diferentes manifestações apyreticas de escrophulose, lymphatismo, tuberculose e mesmo em casos de simples chlorose. O preparado é ordinariamente bem tolerado pelos orgãos digestivos. Posso afirmar que os respectivos effeitos tonicos são innegaveis.

Dr. Luiz Augusto de Oliveira.

Medico e cirurgião pela Escola de Medicina do Porto, cirurgiãomór do regimento 21.

CONHECIMENTOS UTEIS

Colla de arroz para livreiros

Dissolve-se, em agua fria, farinha de arroz e leva-se a lume brando até tomar a consistencia necessaria.

Esta colla é branca e transparente depois de secca, e a sua força é tal que os papeis collados com ella não se despegam.

Archotes que resistem á chuva e ao vento

Fervem-se cordas velhas, polidas, em uma dissolução de nitrato de potassa (salitre); seccam-se e applica-se-lhes uma mistura de enxofre em pó, polvora e espirito de vinho. Funde-se, á parte, camphora, enxofre, terebentina e resina, na proporção de uma parte de cada uma das tres primeiras materias para tres partes de resina e emergem-se as cordas n'essa mistura.

Fazem-se os archotes d'estas cordas, mettendo-lhes de permeio uma mistura de tres partes de enxofre e uma de cal viva.

ANNUNCIOS

LOTERIAS

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

Antonio Ignacio da Fonseca

COM CASAS DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64
PORTO—Feira de S. Bento, 33 a 35

Faz publico que satisfaz todos os pedidos de loterias na volta do correio, garantindo não haver extravios no correio, sendo todas as suas remessas feitas em cartas certificadas.

Acceita agentes em todos os pontos do paiz, dando boas referencias. E' um importante auxiliar este negocio para os commerciantes das provincias.

Abaixo publica os dias das extracções das loterias nos mezes de agosto, setembro e outubro; assim como premios e preços dos bilhetes, quintos, decimos e oitavos.

LOTERIAS DE MADRID

No mez de Outubro

Em 29, com dois premios de 14:400\$000

Bilhetes a 6\$500, decimos a 650; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 réis.—Dezenas de 1\$200 e 600 réis.

As listas de todos os sorteios das loterias de Madrid são enviadas directamente de Madrid, no mesmo dia do sorteio; de maneira que chegam a todas as terras do paiz no segundo dia depois de realisado o sorteio.

Para os particulares recebem-se em pagamento dos seus pedidos notas do Banco, letras, ordens, valles do correio, sellos ou outros valores de prompta realisação.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

Antonio Ignacio da Fonseca
LISBOA

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

Companhia Fabril SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA DE OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos. A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da SÓLIDA CONSTRUÇÃO E PERFEIÇÃO DE TRABALHO das suas machinas de costura.

A prestações de 500 réis semanaes e a dinheiro com grande desconto

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75 — RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — 79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTOS

Archivo Historico de Portugal

Collecção de apontamentos curiosos relativos a todas as cidades e villas do reino, com as gravuras dos respectivos brazões de armas, noticia da fundação, acontecimentos notaveis, monumentos, etc,

O ARCHIVO HISTORICO DE PORTUGAL é uma publicação utilissima a todos os patriotas, a quem não pôde ser indifferente, porque encontram n'ella—a breves traços—a historia do paiz, por fórma mais grata e dividida pela parte com que cada cidade ou villa contribuiu para o engrandecimento commum.

A historia, como geralmente se escreve, isto é, pela chronica de cada reinado, é a historia aristocratica, a resenha dos successos derivados do poder e como dependentes da acção real ou governamental.

Os annaes das cidades e villas do reino, como estamos publicando, é a historia do povo, a narraçao dos soffrimentos e dos esforços de cada localidade, a lenda dos rasgos de abnegação, da coragem e da lealdade de cada conceelho, e que só incidentalmente são narradas nas chronicas antigas.

É um trabalho de vastissimo alcance e que só nos atrevemos a emprender confiados nos sentimentos patrióticos e no amor da instrucção, que hoje geralmente dominam todas as classes.

Em cada numero se attende ás seguintes secções:

Fundação—Agrupamento de todas as versões, quando as haja, referentes ás povoações; que povos as dominaram nos tempos remotos; razão do nome, etc., etc.

Batalhas—Resenha das luctas de que foram theatro; maneira porque se portaram os habitantes; consequencias advindas d'essas luctas para a localidade.

Monumentos—Noticia das curiosidades archeologicas, naturaes ou artisticas que se encontrem nas localidades.

Acontecimentos notaveis de qualquer natureza, que mereçam referencias.

Brazões de armas—Descricao de cada um, com sua respectiva gravura, e noticia dos factos a que são allusivos os emblemas.

Varões illustres—Naturaes de cada localidade ou que n'ellas se distinguiram de qualquer fórma, e a illustraram por suas virtudes, saber, valor, ou outros quaesquer predicados.

Condições da assignatura.—Série de 26 numeros (3 mezes), 500 réis; idem de 52 numeros (6 mezes), 1000 réis.

A correspondencia deve ser dirigida para o escriptorio da empresa, rua do Terreirinho n.º 17, 1.º—LISBOA.

O Recreio

Revista semanal litteraria e charadistica

Está em publicação a 8.ª série, formando cada série um grosso volume completamente independente.

Cada numero em Lisboa, pago no acto da entrega, 20 réis.

Provincias: cada trimestre (13 numeros), 300 réis. Semestre (26 numeros), 580 réis. Para a provincia o pagamento é adiantado.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor João Romano Torres, rua Nova de S. Mamede 26—Lisboa.

RÓDRIGUES D'AVIM

SOMBRAS

(PRIMEIROS VERSOS)

Preço. . . . 200 réis

A VENDA na redacção do *Jorna Constituinte* — Agueda.

EMULSAO DE SCOTT

De Oleo Puro de FIGADO DE BACALHAO COM

Hypophosphitos de Cal e Soda.

É tão agradável ao paladar como o leite.

Possue todas as virtudes do Oleo Simples de Fígado de Bacalhau e tambem as dos Hypophosphitos.

Cura a Phthisis;
Cura a Anemia,
Cura a Debilidade em Geral,
Cura a Escrofula,
Cura o Rheumatismo,
Cura a Tosse e Seções,
Cura o Rachitismo das Creanças.

É recitada pelos medicos, é de cheiro e sabor agradável, de facil digestão, e a supportam os estomagos mais delicados.

LA GUAYRA, VENEZUELA, 21 Jan., 1884

Srs. SCOTT & BOWNE, New York: Dedicado ao estudo e tratamento das enfermidades da infancia tenho tido oportunidade nos dozeito annos da minha pratica para empregar as preparações das quaes o oleo de fígado de bacalhau é a base principal, e poucas vezes tenho obtido tão bons resultados como com a Emulsão de Scott. Por exito tão brilhante felicito a V. S. e tambem a sciencia que tem hoje nesta Emulsão um agente poderoso para batalhar contra o rachitismo nas creanças debilitadas em geral, e escrofula, enfermidades tão frequentes neste paiz.

Dr. FRANCISCO DE ASSIS MEJIA, Medico de Saude do porto.

SANTIAGO DE CUBA, 2 de Abril, 1885,

Srs. SCOTT & BOWNE, Nova York. Meus Srs.—Offereço a V. Srs. minhas congratulações de terem sabido reunir neste oleo as vantagens de ser inodoro, agradável ao paladar, e de muita conservação. Os seus resultados therapeuticos, particularmente nas creanças, são maravilhosos. Com este motivo tenho muito prazer de publicar-o. Sou de V. Srs. S. S. Q. B. S. M., Dr. AMARCO GILLO.

A venda nas boticas e drogarias.

TABELLAS

De dias calculados a todos os preços, para pagamentos semanaes e quinzenaes aos artistas e jornalheiros de diferentes construcções, fabricas, officinas, etc., por Guilherme Affalo, 3.ª edição.

Adoptadas em todas as repartições publicas. Indispensaveis a todos os que tenham de fazer folhas de salarios.

Preço, 200 réis. Pelo correio, 210.

Livraria Portuense de Lopes & C.ª — Porto.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na RUA DO ARSENAL, 56 A 64, LISBOA, e filial no PORTO, FEIRA DE S. BENTO, 33 A 35, faz sciencia o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

SATISFAZ todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

ENVIA em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisicão do jogo, isto para os pedidos particulares.

OS COMMERCIAENTES que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. E' NEGOCIO EM QUE HA TUDO A GANHAR E NADA A PERDER!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000.000.

Bilhetes a 4800 réis; meos bilhetes a 25400; quartos a 12200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, tem de tirar uma licença que nas provincias é de 18500 réis por anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista ANTONIO IGNACIO DA FONSECA promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA

AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

Pará, Maranhão, Ceará, Manáus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul

Passagens a 9:000 RÉIS para o Rio de Janeiro e Minas Geraes

Dão-se passagens GRATUITAS a familias completas de trabalhadores de campo, que queiram ir para diferentes provincias do BRAZIL, indo completamente livres.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com MANUEL JOSÉ SOARES DOS REIS.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços barattissimos

EDIÇÃO MONUMENTAL

HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella época e VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a maxima regularidade 40 fasciculos d'esta obra.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

Editores LOPES & C.ª, successores de CLAVEL & C.ª—119, rua do Almada, 123, Porto.

EDUARDO SEQUEIRA

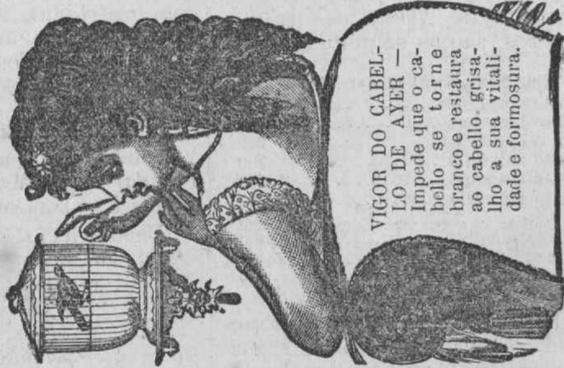
A' BEIRA MAR

Com 200 gravuras desenhadas por A. Xavier Pinheiro, J. d'Almeida, Juillerat, Metzler, Prêtre, etc.; 20 planchas de specimens naturaes e 40 phototypias segundo clichés da ex.ª sr.ª D. Marianna Rebas e dos ex.ªs srs. Carlos Rebas, J. M. Rebello Valente, Anthero d'Araujo, Emilio Campos e J. G. Peixoto.

Preço 1.5000 réis

PELO correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

REMEDIOS DE AYER



Pectoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e curar a rancia das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as seções—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Acido Phosphato de Horsford's

É um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça, sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 660 réis.

Os representantes JAMES CASSELL & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES

desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metais, e curar feridas. Ven a e-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

O POVO DE AVEIRO

SUPPLEMENTO AO N.º 410

ELEIÇÕES

O partido republicano aveirense resolveu entrar energicamente na lucta eleitoral que se vae travar no proximo domingo. E' um dever de honra local e d'alta coherencia politica.

A cidade de Aveiro, como sempre o temos dicto e nunca cessaremos de o repetir, necessita d'um esforço decidido e forte para se arrancar á inercia e apathia profunda em que tem vivido até hoje. Enganam-se os que suppõem que os factos sociologicos são necessarios e fataes e que não ha impulso para os precipitar nem força para os deter. Assim como na vida dos individuos o vicio arraigado ou o costume inveterado produz fundas e irremediaveis alterações physiologicas, assim na vida dos povos os defeitos habituaes da sua organização social e os seus velhos e tradicionaes costumes politicos não raro lhe estancam para sempre todas as fontes de progresso e todas as correntes de civilização. Os povos asiaticos, na sua longa apathia e lamentavel immobilidade, de que a China é o mais frisante e o mais poderoso exemplo, são um espelho bem nitido d'esta triste verdade. E a historia da nossa terra tambem a não renega nem a contradiz. Quem nos déra que o povo a conhecesse bem!

O progresso e a civilização não cahem, n'uma noute de boa disposição da corte do céu, como o maná no deserto. Esperar por isso, confiar no fatalismo dos factos historicos, aguardar de braços cruzados melhores tempos e melhores occasiões, adiar uma conquista ou um progresso social com mais facilidade do que addiarmos na nossa vida privada o pagamento d'uma visita de cerimonia, não é um contrasenso, é um crime de lesa patria e de lesa humanidade.

Ha trinta annos que esta terra não faz outra coisa. Houve um grande espirito, alma d'elite que

ella não soube comprehender, que lhe deu um sopro de vida. Vida ephemera que antes não passasse por nós! Depois, as massas entregaram-se nas mãos dos *dirigentes*, e os espiritos, que poderiam ser e deveriam ser verdadeiramente os espiritos directores pela somma da sua orientação intellectual e social, praticaram a covardia de fugir á onda de lama que, embora ameaçasse tudo, poderia deter-se no charco, mercê d'um esforço animoso e potente.

As classes dirigentes, pela sua falta de noções scientificas, desviam quasi sempre as forças sociaes da sua legitima applicação e verdadeira direcção. Formadas quasi sempre d'elementos boçaes, que devem a sua influencia a circunstancias do acaso, ás suas fortunas, aos seus favores particulares e muitas vezes á sua torpe e repugnante, mas habil, adulação dos sentimentos fracos do povo, são antagonicas com o bem estar social. Não conhecem, nem tem a minima ideia da função do governo nem dos deveres do Estado.

Quem conhece a extraordinaria complicação dos phenomenos sociologicos, as variadissimas applicações scientificas que a vida humana requer, não pôde deixar de sentir um profundo pezar ao vêr em que mãos residem os destinos dos povos. A série d'absurdos que os dirigentes, os mesmos que são capazes de pensar, os que chegam a obter o bastão do commando, tomam á conta de leis naturaes, os principios phantasticos que elles tomam como base indispensavel da existencia social, (1) á falta de conhecimentos scientificos ou da razão dos effeitos e causas politicas, constituem a pagina mais negra da historia humana.

(1) Alberto Salles—Politica republicana.

E' espantoso, hoje que a sciencia tem alargado tanto os seus dominios e esclarecido tantos cerebros, que as sociedades continuem ainda á mercê d'esses homens. E, por conseguinte, espantoso é que os eruditos e os intelligentes, que já existem em grande numero até na nossa terra, deixem continuar esse estado de cousas. E' preciso varrer o empirismo e a especulação, para que, pela harmonia do poder com a evolução social, o bem estar humano seja um facto e o progresso verdadeiramente efficaz e productivo.

Falamos em geral. Voltando os olhos e as atenções para a nossa terra, o espectáculo é hediondo. Aqui não se dá simplesmente a ignorancia e a fatuidade das classes dirigentes. Aqui o quadro é repugnante, porque é sujo. Aqui, além de tudo que fica escripto, ha mais uma revoltante immoralidade com plena sancção e applauso das mais altas regiões do poder.

Eis porque o partido republicano aveirense resolveu entrar na lucta eleitoral, que se vae travar no proximo domingo. Pelo lado politico, cumpre um dever d'alta coherencia e fidelidade aos seus principios. E' o municipio a base da vida das nações, a primeira idéa de ordem, como diz um escriptor notavel, a primeira idéa de policia e de auctoridade, o mais importante elemento do estado.

Pelo lado local, é um dever de honra e ahí mesmo um dever de coherencia com as suas doutrinas e de fidelidade á sua propaganda. Com effeito, tem o partido republicano de Aveiro mais que nenhum outro protestado energicamente contra os escandalos e os crimes commettidos entre nós. Escandalos inauditos, crimes extraordinarios que todos conhecem, e que representam um formidavel attentado contra o

hom nome e a dignidade d'esta terra.

Ora esse attentado vae subir de ponto e attingir a culminancia da infamia com a sancção que o sr. José Luciano de Castro, ministro do reino, mais uma vez lhe vae dar no proximo domingo.

Como ficar de braços cruzados perante uma affronta d'essa natureza?

Não, o partido republicano de Aveiro cumpre o seu dever apresentando aos eleitores d'este concelho uma lista de homens intelligentes e integros que sejam uma sólida garantia de administração honrada e liberdade pura. O partido republicano é fiel aos seus principios e ás suas doutrinas pugnano na urna pela liberdade, pela moralidade publica, pela dignidade local, como tem pugnado sempre na imprensa e nos comicios, e estamos certos de que a sua conducta levantada e nobre receberá do povo, e de todos os homens intelligentes e dignos d'esta terra, a unção e os applausos que merece.

Não conhecemos ainda, á hora d'escrever este supplemento, para a criticar e apreciar, a lista dos partidos monarchicos. Mas podemos garantir aos leitores que uma das infamias que se preparam, e á qual já nos referimos atraz, é manter no poder a quadrilha da Vera Cruz. O sr. Francisco Mattoso Corte Real, irmão e delegado do sr. José Luciano de Castro, e collega de Manuel Firmino d'Almeida Maia, reuniu no ultimo domingo os dissidentes progressistas e propoz-lhe a reeleição do bando firminista para a camara municipal. Os dissidentes oppozeram-se. Francisco Mattoso barafustou. Por fim pediu aos dissidentes que lhe formulassem então uma lista. Estes apontaram-lhe varios nomes. Mattoso concordou com uns e não concordou com outros. Entretanto, sempre conseguiu chegar a

um accordo sobre o numero de nomes necessarios para compôr a lista, **contanto que Manuel Firmino d'Almeida Maia approvasse esses nomes e fosse eleito por sua vez procurador á Junta Geral para depois ser nomeado presidente da mesma Junta.**

Por conseguinte, das duas uma. Ou Manuel Firmino de Almeida Maia approva esses nomes, e a lista dos dissidentes, ou dos progressistas que o sr. Mattoso apresenta, traz essa nota infamante e vil e nenhum homem honesto pôde n'ella votar, ou o bando legitimo e puro do quadrilheiro da Vera Cruz é offerecido novamente aos suffragios dos aveirenses.

No primeiro caso, a lista, repetimos, é deshonorosa, é indigna, e é de pasmar que homens que se prezem deixem alli figurar os seus nomes. Além d'isso, essa lista envolve a circumstancia agravante de representar a conllicção do capitão-ladrão ser guindado á elevada cathogoria de presidente da Junta Geral do districto.

No segundo caso, não tem commentarios o atrevimento de se apresentar ao suffragio dos eleitores a quadrilha que o *Povo de Aveiro* descarnou aos olhos do publico.

Seja como fôr, amanhã continuaremos e commentaremos.

O POVO DE AVEIRO

SUPPLEMENTO AO N.º 410

ELEIÇÕES

Annunciámos hontem a traficança que estava preparada. Podemos confirma-la hoje terminantemente.

Procurar rehabilitar Manuel Firmino d'Almeida Maia e mantê-lo na direcção politica d'esta terra é o plano mais atrevido, mais desavergonhado, mais insultuoso para o povo aveirense que se poderia imaginar. Entretanto, esse plano coube na cabeça do sr. José Luciano de Castro e de seu mano Mattoso e está sendo executado entre nós!

A tanto chegou a impudencia nos nossos homens publicos. Quem quizer a ultima prova do rebaixamento a que chegaram, n'este paiz, os caracteres e as instituições, ahí a tem eloquente, frisante, completa.

Provou-se que Manuel Firmino d'Almeida Maia era um grande, um refinadissimo ladrão. Este semanario publicou as cartas dirigidas a Astley Campbell Smith, que são um monumento no genero patifaria. Provou-se que Manuel Firmino d'Almeida Maia negára vinte e seis letras em que tinha firmado o seu nome. O *Povo de Aveiro* publicou a certidão respectiva, onde se viu a quanto desceu, quanto era baixo, quanto era infame o caracter do governador civil substituto d'este districto. Provou-se que Manuel Firmino d'Almeida Maia atropellava a lei, espesinhava a justiça, rasgava os regulamentos para servir os seus interesses e favorecer os amigos. O *Povo de Aveiro* publicou todo o processo do infeliz Joaquim Chia, o surdo-mudo de Ovar, processo que constitue a peça mais extraordinaria da historia do quadrilheiro indigno.

Pois esse homem, pois esse quadrilheiro sem par, esse Manuel Firmino d'Almeida Maia v. e ser submettido ao suffragio dos

eleitores honrados e dignos d'este districto e quem o apresenta é José Luciano, ministro do rei, acolytado pelo mano morgado, o famigerado Francisco de Castro Mattoso Corte Real.

Confessemos: isto é quanto se podia esperar. Ou antes, isto não se podia esperar, porque é tamanho d'arrojo, tão excepcional de pouca vergonha que nenhum homem de consciencia limpa, depois do que se tem dicto, do que se tem escripto, do que se tem provado, era capaz de sonhar um attentado de tal natureza. Bem sabemos que Francisco Mattoso é d'aquelles que rasgam as lettras, que os credores ingenuos ousam depôr-lhe nas mãos, antes de receberem o dinheiro que ellas representam. Bem sabemos que Francisco Mattoso é d'aquelles que abusam da ingenuidade e da ignorancia dos lavradores pacovios e simples para lhe extorquir fôros pertencentes a casas estranhas á sua. Nós sabemos tudo isso. Nós tudo isso havemos d'escrever. Nós sabemos muito mais, o sufficiente para abrir em volta do irmão do sr. ministro do reino um escandalo maior do que aquelle que produzimos em volta do *conselheiro* governador civil substituto d'este districto. Sim, nós sabemos tudo isso. Mas esperavamos sempre que o sr. Mattoso tivesse, sequer na apparencia, um pouco de pejo para não praticar as infamias que está praticando. Esperavamos que o sr. Mattoso tivesse senso e perspicacia bastante para reconhecer que lhe era impossivel erguer um cadaver fedorento e podre, e que, quando tal ousasse tentar, poderia lembrar as pustulas da sua propria vida e cravar em si mesmo o punhal da justiça.

Nunca esperámos que o sr. Mattoso levasse tão longe a sua

insolentissima audacia e a sua refinada inepecia. Mas, francamente o reconhecemos, o nosso engano foi completo. Mal por um lado. Bem pelo outro. Mal, porque a sociedade portugueza é d'esse modo um descredito vivo aos olhos do mundo. Bem, porque é d'estas grandes infamias que partem as grandes reacções. D'aqui surgirá a luz redemptora da democracia, que em breve guiará o povo para melhores ideaes e melhores destinos.

E' d'estas grandes infamias que partem as grandes reacções. O povo saberá no domingo dar aos grilhetas a primeira lição e o primeiro aviso.

Será possivel o contrario? Não o queremos acreditar. A eleição municipal de domingo representa o maior attentado contra a dignidade publica. E' um ultrage que nos cala nas faces, escaldando-as como ferro em braza. E para não se sentir a bofetada que nos applica a mão do villão, para que este povo receba na frente o estigma com que o pretendam marcar, é necessario que seja um povo d'ennuchos, ou de capados na phrase genuinamente nacional, e não aquelle povo heroico que hontem expulsou as irmãs da caridade e ergueu na praça publica a estatua do mais puro democrata d'este paiz, do mais honrado homem publico de que se orgulha a historia nacional no segundo quartel d'este seculo, do immaculado orador das irmãs da caridade e do valente soldado da Serra do Pilar.

Não, o povo de Aveiro ha de se mostrar digno até ao fim das palmas da victoria que a patria inteira lhe conferiu hontem.

Tudo se junta n'esta eleição para a tornar repugnante e odiosa. Em primeiro lugar, a lista progressista, como já hontem dis-

ssemos, é feita com sancção e approvação de Manuel Firmino de Almeida Maia. Elle approva. Elle sanciona. Elle é o rei d'estas terras, o senhor absoluto dos nossos destinos. Elle, ladrão, falsario, salteador e assassino!

Deus se amercie de nós.

Em segundo lugar, se elle, salteador emerito e afamado capitão de malandros, não figura na lista municipal nem figura nenhum dos membros da sua quadrilha, é porque vae subir de garcharia e de mando, é porque vae passar de presidente da camara municipal de Aveiro a presidente da junta geral do districto!

Em terceiro lugar, o presidente que se indica para a camara municipal que nos pretendem impôr, é o maior reaccionario da cidade e circumvisinhanças, é exactamente aquelle que mais influiu para as irmãs da caridade serem introduzidas em Aveiro, na patria, já hoje famosa, do mais famoso orador d'este seculo.

Liberaes, a reunir. Enrolae as vossas tendas d'inverno, empunhae outra vez o gladio da justiça, desfraldae as vossas bandeiras ao vento e vamos a este combate de feras. E' um combate tenaz e difficil, atravez da serrania onde a fera se esconde. Não é um combate em campo aberto e raso, porque o inimigo que se encontra na frente não ergue a lança do cavalleiro fidalgo, nem monta o impetuoso corcel com a galhardia do guerreiro audaz. Além, é um bando de tigres que se escondem na floresta.

Liberaes, á caçada do tigre desleal e perverso. A fera ululava hontem apertada de todos os lados. Perseguida, cercada, quasi vencida, lançava aos echos dos valles, no estertor da agonia extrema, o ultimo arranco de vida n'um grito de desespero e raiva.

Ah! mas houve caçador traçoeiro que abriu o circulo de ferro, deixando fugir a presa de tanta tenacidade e de tanto trabalho. E a fera devasta de novo, mais atrevida que nunca, a nossa seára, o nosso lar, os nossos dominios!

Caçadores, sóa na montanha a trompa de guerra chamandonos mais uma vez ao combate contra o tigre feroz. Polainas de couro valente, espingarda sólida e agarrada por mão calosa e robusta, olho fixo na selva, respiração curta e mansa, andar firme mas cauteloso e vamos á fera, a defender a nossa seára, os nossos dominios, o nosso lar adorado, onde treme de susto a meiga creança e a dedicada mulher. Vamos, que nem as neves do mais rigoroso inverno, nem a perspectiva d'um longo jejum, nem os silvados que dilaceram as carnes, mettem medo ao caçador experimentado n'essas lides que fortalecem o corpo e engrandecem a alma.

Liberaes, aveirenses, homens honrados de todos os partidos:

A' urna pela moralidade publica!

A' urna pelo bom nome d'esta terra!

O POVO DE AVEIRO

SUPPLEMENTO AO N.º 410

ELEIÇÕES

A lista que o partido republicano aveirense apresenta e recommenda aos eleitores d'este concelho é a seguinte:

CAMARA MUNICIPAL

Effectivos

Conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza.
Francisco Augusto da Fonseca Regalla, official da armada.
Antonio da Silva Pereira, commerciante.
Francisco Antonio de Moura, pharmaceutico e proprietario.
Manuel de Mello Freitas, medico.
José Rodrigues Pardinha, proprietario.

Substitutos

José Simões Maia, proprietario.
João Marques Mostardinha, proprietario.
José Gonçalves Moreira, commerciante.
João Rodrigues Fernandes, proprietario.
João da Naia e Silva, proprietario.
Manuel Vieira de Carvalho, proprietario.

JUNTA GERAL

Effectivos

Carlos Faria e Mello, jornalista e proprietario.
Antonio Ponce Leão Barbosa, proprietario.

Substitutos

Alfredo M. Cortez Machado, empregado publico.
João Antunes d'Azevedo, proprietario.

Como se vê, o partido republicano não fez exclusivismos partidarios nem demonstrou paixão politica. Escolheu nomes honrados, sérios, integros, que sejam uma garantia de boa administração local. Não quiz, nem quer saber se todos os individuos que ahí ficam são republicanos ou deixam de o ser. Conhece-os bem como servidores e amigos da liberdade publica, como amigos da terra em que nasceram, como espiritos nobilissimos, incapazes de distrahirerem, para usos illicitos ou vergonhosos, dez réis dos cofres publicos, e incapazes igualmente de consentirem no estado de re-

laxamento, immundicie e atrazo em que se encontra esta cidade e as coisas municipaes n'este concelho.

Votar n'estes homens, e votalos de chapa sem alteração d'um unico nome, é dever de todos os cidadãos que prezam a honestidade local e a dignidade publica. De todos os que amam a liberdade, de todos os que teem em alguma conta o brio individual e a grandeza d'esta terra.

O que se tem passado e vae passando entre nós precisa d'um grande correctivo, d'uma lição eloquente que nos honre e nobilitate aos nossos proprios olhos e aos olhos dos estranhos.

Não basta a lista municipal progressista ser sancionada por Manuel Firmino d'Almeida Maia. Não basta Manuel Firmino d'Almeida Maia passar de presidente da Camara a presidente da Junta Geral. Não basta Francisco de Castro Mattoso Côrte Real impôr insolentemente aos aveirenses a continuação d'um predomínio nefasto, representado por um homem desacreditado e deshonrado. Francisco de Castro Mattoso Côrte Real é aquelle que, **abusando da ingenuidade dos credores, apañou á mão uma letra d'uns poucos de contos de réis, que rasgou antes de a pagar,** historia escandalosissima e infame, que havemos de contar, commentar e saborear com sal e pimenta. Francisco de Castro Mattoso Côrte Real é aquelle que **chamava a sua casa os lavradores pacovios e simples, para lhe exigir, como devedores á casa da Oliveirinha, foros pertencentes a uma das casas mais nobres, senão a mais nobre do paiz,** outra historia não menos escandalosa nem menos infame do que a outra, que tambem havemos de contar, com muitas coisas mais e identicas, não já e só com sal e pimenta, mas com sal, pimenta, malaguetta, mostarda e alho, *mayonaise* deliciosa para os beiços d'estes patifes.

Sim, tudo isso nós havemos de contar para que o povo saiba até ao fim quem são **estes ladrões que campam para ahí de grandes senhores,** e que, não contentes de passearem ao sol as suas infamias em lugar de as expiarem n'uma cella da Penitenciaria, ainda querem administrar e governar os cidadãos prestantes e probos.

Mas, como iamoz dizendo, não

basta isso. Ha aqui outra vergonha e outra tratantada de subido quilate. E' a conducta suja, porca, que nos produz vomitos e nos perturba o olhar, a conducta do sr. José Luciano de Castro, ministro do rei e do reino. Os leitores não esqueceram ainda os celebres numeros do *Povo de Aveiro*, onde trouxemos a lume o lódo arremessado á cara de José Luciano de Castro por Manuel Firmino d'Almeida Maia, o malandro-mór d'Aveiro e termo, e por José Eduardo d'Almeida Vilhena, o Zé Forqueta. José Luciano de Castro era **caracter safado e indigno, arlequim da Oliveirinha, pobre d'espirito, ladrão e bandido da pena que fazia leilão da consciencia e do voto.** José Luciano de Castro **vendia-se ao barão de Moreira por cem contos de réis para defender na camara as patifarias d'este funcionario; vendia-se aos moedeiros falsos para os defender contra um ministro honesto; vendia-se aos contrabandistas de Mira para perseguir o funcionario zeloso que os incommodava na caudonga indigna.** «Ja se vê que para este vendilhão, acrescenta o *Campeão das Provincias,* a honra e a vergonha estão no preço.»

Isto se disse! Isto se escreveu d'um ministro do rei! E o ministro do rei, não só nomeou seu delegado de confiança, n'um dos mais importantes districtos, o auctor d'essas tremendas accusações, como ainda hoje, hoje, que a imprensa de todo o paiz provou que Manuel Firmino de Almeida Maia era um asqueroso gatuno, hoje, que os documentos officiaes, que o *Povo de Aveiro* publicou, ficaram vinculados, como grilheta, aos pés d'aquelle maroto, ainda hoje José Luciano de Castro, zombando da moralidade publica, escarnecendo o decoro individual e nacional, cuspidando as altas funcções que exerce, na sociedade portugueza, ainda hoje pega do criminoso repugnante para o encher de novas honrarias e novos favores.

Poderia o ministro, hontem, attenuar, com o esquecimento das offensas recebidas e a ignorancia dos crimes commettidos por Manuel Firmino d'Almeida Maia, o acto, sempre criminoso, de ter nomeado esse homem governador civil substituto do districto de Aveiro. Hoje, depois do que se provou na imprensa de

todo o paiz, o acto do ministro mandando exaltar o ladrão publico e o seu feroz acensador, **porque José Luciano de Castro está do melhor accordo em tudo que se passa,** o acto do ministro, atirando-nos pela porta dentro, á mesa onde nós todos cidadãos d'Aveiro comemos a limpa e honrada refeição de familia, atirando-nos aquelle gato morto, é o mais vivo ultrage e o escarneo mais insultante e atroz que pôde receber um povo livre.

Cidadãos, vinde todos á praça publica correr a pontapé estes bandidos. Operario honesto, que vergas ao peso suffocante do trabalho e que á noite mal encontra em casa umas sopas destemperadas para comer; operario honesto, que não tens tantas vezes agasalho para os teus pobres filhos, frios no corpo, e frios na alma de carinhos e affectos que o teu desespero lhe não pôde dar; trabalhador rude do campo, que de sol a sol, dobrado sobre a terra ingrata, mal lhe arrancas o pão negro que nem te alimenta; pescador audaz, que sustentas no mar uma lueta continua de soffrimentos e perigos; vós todos, victimas heroicas do dever, que morrereis mais depressa do que lançareis mão illicitamente a uma cõdea de pão para matar a fome; grandes martyres, que não tendes, muitas vezes, lume no lar nem roupa na cama, enquanto Luciano de Castros, Maneis Firmimos, Mattosos e quejandos, ostentam riquezas; infelizes, que não tendes dez réis para pagar ao medico nem o remedio que vos salve a filha adorada, presa da doença cruel n'uma triste enxêrga e n'um misero albergue, porque os magros vintens que ganhaes são poucos para o fisco insaciavel que alimenta os vicios dos politicos infames, e quejandos, de que estamos tratando, vinde todos lançar o vosso grito de maldicção sobre os farçantes que vos roubam, que vos exploram, que vos ludibriam, que vos escarnecem.

Manuel Firmino de Almeida Maia roubou hontem seis contos de réis na Camara Municipal. A'manhã roubará vinte na Junta Geral do districto. Tiran-lhe os cofres do municipio e entregam-lhe os cofres do districto, dez vezes mais ricos e mais importantes do que aquelles! Hontem era presidente da Camara Municipal. A'manhã será presidente da Junta Geral! Hontem roubou escandalosamente os municipes nas

obras do Quartel de Cavallaria n.º 10. A'manhã roubará, com o mesmo escandalo, os habitantes de todo o districto nas obras do edificio de Terreiro!

Cidadãos, tendes homens honestos e de capacidade provada na lista que o partido republicano vos apresenta. Na lista do governo poderá haver algum nome sympathico pessoalmente. Mas não ha um unico que esteja á altura d'exercer as altas funcções de vereador, porque administrar um municipio não é administrar uma casa particular, nem vender chitas ao balcão, nem metter bois no curral.

Cidadãos, a lista do governo é uma lista ignominiosa, que leva a chancellia de Francisco Mattoso e de Manuel Firmino d'Almeida Maia. Quem accitou essa chancellia, quem figura n'essa lista deshonrou o seu nome e deshonrará as nobres tradições do municipio de Aveiro.

Cidadãos, a affronta e o escarneo chegaram a ponto da gente do governo pretender roubar-nos as minorias, n'um desdobramento de lista. Tão certa elles supõem a indignidade e a baixaza do corpo eleitoral!

Caracol, caracol
Deita os corninhos ao sol.

Anda, francisquinho Mattoso, rouba-nos lá as minorias como tens roubado tanta coisa n'esta vida. **Que nós em toda a parte te perseguiremos, a toda a parte iremos, ao tribunal onde deshonras a justiça, á camara onde pollues o mandato popular, referir a historia da letra rasgada, dos foros roubados e tudo mais que nos sabemos.**

Anda, francisquinho, deita...

Os corninhos ao sol!

que nós ficámos preparando a *mayonaise* que te promettemos. Sal, pimenta, mostarda, malaguetta e alho.

Cidadãos, heroicos soldados do exercito valente que derrotou as irmãs da caridade, terriveis caçadores de fêras, gloriosos aveirenses que todo o paiz admira e respeita:

A' urna pela moralidade publica!
A' urna pela honra de Aveiro!
A' urna pela Liberdade!
A' urna contra os quadrilheiros, contra os salteadores, contra os malandros!

O POVO DE AVEIRO

SUPPLEMENTO AO N.º 410

ELEIÇÕES

Nós estamos firmemente convencido de que a justiça das nossas palavras encontrará um longo echo no coração dos aveirenses. Falta-nos o tempo. Não temos, como tivemos na questão das irmãs da caridade, largos dias deante de nós para despertar o sentimento publico. E quando o somno é profundo, é necessario o ribombar da artilheria primeiro para sacudir os espiritos semi-mortos e a musica harmoniosa depois para desvanecer o sobresalto d'esse accordar violento.

Mas quê? Terá vindo, n'um tão curto intervallo, o lethargo prostrar outra vez os filhos de Aveiro? Então, isso não é somno, isso é a morte.

Quinet, o suavissimo escriptor, o dulcissimo poeta republicano, teve no seu livro do exilio, esse grito d'alma, que lhe escapou atravez da tempestade do segundo imperio, phrases soberbas e pensamentos riquissimos para exprimir estes abatimentos profundos dos povos.

Como a procellaria que percorre o mar do norte sem encontrar o ninho que o pescador lhe arrebatou, fluctuando á superficie d'um mar de homens d'onde não se erguia nenhum sopro humano, o poeta só encontrava consolação, triste e funebre consolação! nas phrases que depunha nas folhas soltas do livro do exilio, «sombras que passavam sobre o seu coração e gritos que sabiam do seu peito á medida que a noite descia sobre a alma dos povos.»

Elle chamava pela França e a França não lhe respondia! Elle procurava a França e encontrava um povo d'escravos!

Pois quê? Terá desaparecido completamente o espirito viril que ergueu os aveirenses n'um impeto vibrante contra as irmãs da caridade? Terá desaparecido a força impulsora d'aquella onda d'indignação, que invadiu as ruas da cidade no dia 19 de setembro de 1888, e que esteve para submergir a quadrilha da Vera Cruz e principalmente o seu chefe famoso?

Não o queremos, ainda, acreditar.

Liberaes intelligentes, republicanos convictos, transmitti ao povo o segredo das vossas crenças e da vossa fé. O povo não conhece a historia que nos obriga de mais de vinte mil annos atraz, as tradições de civilisação que nos impõem um grande dever, as luctas do progresso que nos apontam, inflexiveis e gloriosas, o caminho da frente. E' esse o segredo da nossa crença, que produz o nosso enthusiasmo. E' esse o segredo da nossa fé, que nos faz resistir impavidos, corajosos, serenos, ás mais tristes debandadas e ás mais fundas derrotas. E será essa a explicação completa, essa ignorancia immensa que tem escurecido os horisontes da humanidade, a explicação de tantos retrocessos e de tão deploraveis estacionamentos.

Liberaes, falae ao povo e vendae-lhe a historia. Falae-lhe nos povos da luz, phase tão admiravelmente synthetica do grande Michelet. Envergonhae-o com as grandezas d'um passado illustre. Dizei-lhe que já na India primitiva dos Vedas a familia era um culto. E elles hoje, aveirenses, n'um céo formosissimo, n'uma natureza de seiva, onde tudo respira doçura e amor, desde a planta dos nossos jardins até a mulher graciosa e esbelta da nossa cidade, mancham a santidade do lar, corrompem os costumes, escarnecem a virtude, acceitando o mando supremo d'uma quadrilha, em que figuram de prophetas e exercem as funcções de levitas os Firminos, os Mattosos, os Forquetas, os Fogueteiros e os Gegos.

Dizei-lhe que já na Persia antiga o trabalho era o altar da patria e o emblema da honra. E, n'esta terra, que parecia fadada para tão nobres destinos, é o roubo que preside ao governo popular.

Dizei-lhe que a Grecia teve, mais de tres mil annos atraz, tudo que a força, a justiça, a pureza, a innocencia, a luz, podem crear n'um paiz. E nós, mais de tres mil annos depois, temos o pleno regimen da podridão, da impostura, das trévas.

Apontae-lhe o genio antigo, definido nas artes, nas leis, na

litteratura, nos costumes, nas suas proprias lendas. Levae-o pela mão a admirar a festa das flores e a festa das leis; a estudar a lenda de Ceres, de Prometheu, de Hercules e Apollo, tão significativas, tão puras; passeae-o pelas ruas de Athenas, admirando os templos, as estatuas, os theatros e as escolas; mostrae-lhe o cidadão, vigoroso, sadio, illustrado, intelligente, alli ouvindo as prelecções dos grandes philosophos, além applaudindo os grandes oradores na praça publica, parando junto dos ateliers dos grandes pintores e grandes esculptores ou depondo o seu voto na urna, com plena consciencia dos interesses da liberdade e da patria. E dizei-lhe depois: «Ao pé d'isto, a tua vida presente é uma vida de trévas. A tua sombra escurece aquella luz. Os teus dirigentes, os teus idolos, são os morecos que fugiram do dia para a noite. Tudo que tu hoje consideras como o systema mais racional de governar os povos é o ludibrio d'aquella civilisação que passou. O que fizeste em quatro mil annos que passaram por cima de ti?»

Ergue-te, moribundo leão. Sacode a juba eriçada, repelle a venda que te pizeram nos olhos e reconquista a tua liberdade e a tua civilisação.»

Falemos assim ao povo, liberaes. A nossa energia pôde salvar tudo. A sociedade portugueza corre mais do que nunca grave risco de se afundar em lama. Cruzar os braços, encolher os hombros, não luctar contra estas podridões, deixar correr tudo á mercê do acaso, retalha o coração de dôr.

Ou o povo chega a comprehender o seu dever, ou a nossa terra morreu para a vida, para o mundo civilisado e livre.

E' por vaidade petulante que ostentaes aquella bronze no centro da praça de José Estevão, ó cidadãos de Aveiro? E' por vaidade petulante que vos orgulhaes da vossa ria, das vossas mulheres esbeltas, dos vossos campos formosissimos?

Se é, o vosso torpe egoismo é a vossa condemnação eterna. Se não é, tudo isso vos impõe du-

ras responsabilidades e sacratissimos deveres.

O amor da patria não é mais do que a generalisação do amor da familia. Amaes a esposa carinhosa e fiel, a meiga creança, o venerando pae? Então, haveis de amar a terra que encerra, alimentou e ha de conservar essas delicias d'alma, essas joias do vosso coração. A patria onde acordaes em cada madrugada ao cantar do rouxinol e adormeceis em cada noute aos gritos do gigante, do mar que vive além.

Podereis admittir que vos maltratam a familia? O que farieis a quem vos fosse roubar o pão dos vossos filhos, o fogo do vosso lar, as telhas da pequenina casa que fecha ao mundo o vosso coração? Como é possivel, n'esse caso, admittir-se que nos roubem a nossa patria, que deshonrem a terra de nossos paes, que tratem esta cidade, que é a nossa grande casa, com o desprezo mais insultuoso e mais vil? Pois roubar o thesouro municipal não é roubar a nossa bolsa? Pois roubar os dinheiros publicos, que nós demos a guardar a meia duzia de homens, não é roubar a nossa mulher e os nossos filhos? Pois aquelle dinheiro não foi subtraído ás nossas necessidades de familia para o bem da nossa terra? Qual é o cidadão d'Aveiro que não percebe esta logica inexoravel e terrivel?

Cidadãos, a questão é esta. Houve um homem que roubou seis contos de réis aos cofres do municipio. Houve um homem que nos roubou em todos os fornecimentos e negocios municipaes. Houve um homem que se serviu das obras do quartel para se loqueletar á nossa custa e encher da nossa bolsa a bolsa dos amigos. A politica e a administração d'esse homem reduzem-se a uma simples palavra:—**roubar**. Roubou, roubou, roubou sempre. Pois quando esse homem devia estar n'uma penitenciaria, quando, pelo menos, devia ser banido da politica para sempre, esse homem organisa uma lista municipal, que nos impõe, e deixa de ser presidente do municipio para ser presidente da junta suprema do districto.

E' o ultimo vilipendio, a mais vergonhosa de todas as vergonhas.

Cidadãos, a lista organisa pelo partido republicano dá-vos todas as garantias d'independencia, de saber, de seriedade e honradez. E' a lista dos valorosos combatentes contra as irmãs da caridade, dos que honraram a memoria de José Estevão, dos que encheram de gloria a nossa querida terra. A lista do governo é a lista do jesuitismo, é a lista das toupeiras, é a lista da deshonra. Pôde ser que n'essa lista, aliaz desconhecida, e n'este facto já vae um processo odioso, porque esconder ao povo os nomes dos que reclamam os seus votos é systema cabralista, pôde ser que n'esses homens haja alguns que tenham merecido até hoje algum respeito; mas nenhum d'elles é digno da confiança publica desde que commetteram o acto vil d'acceitarem a chancellaria de Manuel Firmino d'Almeida Maia, o chefe dos ladrões. Nenhum d'elles merece o voto d'um unico aveirense. Nenhum d'elles é digno de representar o nobre povo d'esta terra. São os enviados de Manuel Firmino e de Francisco Mattoso!

A' urna contra elles, que nem moral nem intellectualmente tem a altura indispensavel para o alto cargo que disputam.

A' urna contra elles, que, consciente ou inconscientemente, são os testas de ferro dos quadrilheiros da Vera Cruz.

A' urna contra elles, que são os alliados do jesuitismo, os batedores da reacção.

Habitantes de Aveiro, é um dever votar de chapa a lista organisa, recommendada e defendida pelos republicanos. A alteração de qualquer nome é um voto inutilisado ou perdido.

Habitantes de Aveiro:

A' urna pela gloria, pela grandeza, pela honra da nossa querida terra!

O POVO DE AVEIRO

SUPPLEMENTO AO N.º 410

ELEIÇÕES

A lista que o partido republicano aveirense apresenta e recommenda aos eleitores d'este concelho é a seguinte:

CAMARA MUNICIPAL

Effectivos

Conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza.
Francisco Augusto da Fonseca Regalla, official da armada.
Antonio da Silva Pereira, commerciante.
Francisco Antonio de Moura, pharmaceutico e proprietario.
Manuel de Mello Freitas, medico.
José Rodrigues Pardinha, proprietario.

Substitutos

José Simões Maia, proprietario.
João Marques Mostardinha, proprietario.
José Gonçalves Moreira, commerciante.
João Rodrigues Fernandes, proprietario.
João da Naia e Silva, proprietario.
Manuel Vieira de Carvalho, proprietario.

JUNTA GERAL

Effectivos

Carlos Faria e Mello, jornalista e proprietario.
Antonio Ponce Leão Barbosa, proprietario.

Substitutos

Alfredo M. Cortez Machado, empregado publico.
João Antunes d'Azevedo, proprietario.

E' hoje que os aveirenses decidirão dos seus destinos. O momento é grave e solemne.

Resumindo os nossos argumentos em prol da liberdade, da moralidade publica, da honra local e dos interesses de Aveiro, temos em conclusão:

Primeiro. A lista apresentada, recommendada e defendida pelo partido republicano satisfaz a todos os requisitos indispensaveis á alta missão que nos propomos cumprir. Todos os individuos que a compõem são caracteres honradissimos, nobres, levantados. Ha n'ella o sã conselho, o recto julgamento, a larga experiencia dos negocios publicos de José Ferreira da Cunha. O amor pela causa popular, o zelo democratico, a fidelidade aos principios liberaes de Antonio Barboza, José Pardinha e Silva Pereira. A educação, erudição, ou capacidade scientifica de Manuel de Mello. O talento e o saber de Francisco Regalla, Carlos Faria e Francisco Antonio de Moura. E assim do mesmo

modo para com os cavalheiros que figuram de substitutos na referida lista.

Nenhum d'esses individuos, podemos affiança-lo alto e bom som, será capaz de distrahir cinco réis dos cofres publicos. Tenha o publico a plena, completa e absoluta certeza d'esse facto.

Nenhum d'esses individuos será capaz de negociar com fornecedores ou fornecedores. Póde o publico tambem descansar a esse respeito.

Nenhum d'esses individuos será capaz de transigrir com a sua facção, com o seu grupo, com os seus correligionarios ou com os seus amigos em detrimento ou offensa da justiça e do bem publico. Energicamente o affirmamos. Tranquillamente o garantimos.

Emfim, ha n'essa lista talento, erudição, saber, capacidade bastante para não serem commettidas as brutezas que tem sido commettidas nos municipios transactos, nem para serem desprezadas ou ignoradas as importantes questões municipaes que importa estudar e resolver.

Segundo. A lista da chancellia firminista é incomparavelmente de menor importancia intellectual.

Para se ser vereador, para presidir ao governo d'um povo não basta simplesmente que se seja honrado, boa pessoa ou bom administrador da sua casa. As questões publicas são hoje tão complexas, os factos sociologicos tão variados que requerem profundas observações e sérios estudos.

Um dos males que mais affligem as sociedades, é exactamente o povo abdicar os seus destinos em individuos intellectualmente e moralmente incompetentes. Hoje, que cada phenomeno social é regido pelas mais rigorosas leis scientificas, hoje, em que é sabido que cada facto da vida depende de principios superiores que o regem, arvorar o Antonio de Villar, ou o Euzebio de Gacia, ou o Lobo de Verdemilho em arbitro supremo dos destinos d'um povo, é supinamente imbecil e tristemente risivel.

A lista da chancellia firminista é intellectualmente incompetente e ridicula, a começar no seu proprio presidente, que será fidalgo ou quanto elle queira, mas que não é um homem de trabalho intellectual, de perspicacia, de saber e talento, como são quasi todos os da lista republicana.

Terceiro. Moralmente, a lista da chancellia firminista é um attentado, um escandalo, uma affronta insolente á cidade d'Aveiro. Já referimos aos leitores como as coisas se passaram. Hoje confirmamos em absoluto o que dissimos.

Os individuos, que compõem essa lista, figuram ahi porque Ma-

nel Firmino d'Almeida Maia assim o quiz.

Os individuos, que compõem essa lista, foram submettidos por Francisco de Castro Mattoso Corte Real, collega do *conselheiro* governador civil substituto, ao reconhecimento, sancção e approvação do quadrilheiro da Vera Cruz, que approvou, sancionou e reconheceu pondo-lhe o visto e sello da casa.

Os individuos, que compõem essa lista, figuram alli com a condição expressa de Manuel Firmino d'Almeida Maia passar de **ladrão dos cofres municipaes a ladrão dos cofres do districto.**

Os individuos, que compõem essa lista, figuram alli porque Manuel Firmino d'Almeida Maia já não tinha as obras do quartel para roubar e **preelsava, para o mesmo effeito, das obras do Terreiro.**

Eis a infamia! Eis a mais requintada patifaria, de que ha exemplo entre nós!

Parece impossivel que homens, bem conceituados até hoje na opinião publica, acceitassem tão indigno e misero papel. Esses homens deshonram-se. Esses homens podem, por si, não metter as mãos nos cofres publicos. Mas serão impotentes para deixar de transigrir nas patifarias que Mattoso imponha e mande.

Esses homens são a ignominia da cidade de Aveiro. São reprobos da consciencia publica.

A' urna contra elles!

Quarto. A imposição de Mattoso e José Luciano de Castro é outro cumulo de patifaria. E' outra affronta, outro sangrento insulto cuspidos na face dos filhos d'Aveiro.

Vós fizestes o glorioso movimento das irmãs da caridade? Vós inaugurastes a estatua de José Estevão? Atrevestes-vos, filhos d'Aveiro, a ser altivos, independentes e honestos n'este meio devasso do rei Luciano? Ah! a vibora recolheu o veneno para o lançar com mais violencia depois.

Ahi o tendes. Provastes que Manuel Firmino d'Almeida Maia era um grande, um refinado ladrão. Provastes que Manuel Firmino d'Almeida Maia falsificava os recenseamentos. Provastes que Manuel Firmino d'Almeida Maia tinha agencias d'assassinos, *d'engajadores* de recrutas, ou antes, d'empalmadores de libras aos pacovios d'aldeia. Provastes que Manuel Firmino d'Almeida Maia tivera um homem preso seis mezes sem processo nem culpa formada.

Sim, senhores. Está provado. Ficou averiguado e sabido. Não restaram duvidas nenhuma a José Luciano de Castro. Mas quem contou com a perfidia e com o rancor do ministro do rei? Ah! aveirenses ingenuos, Luciano jurou vingança e Luciano vingou-se. E' ladrão, o Manuel Firmino?

Pois leve com o ladrão pela cara. E' grilheta? Pois ficareis com o grilheta preso ao pé para sempre. E' troca-tintas, grão-mestre de patifarias, bacharel em Serra Morena formado, official da Legião dos Gatunos? Pois haveis d'estar ao mando d'esse excelso heroe.

Alli, é beijar-lhe o pé que manda José Luciano. Eh! pacholas, farçolas, bolas, chapéosinho na mão ao sr. conselheiro que passa. Eh! carneirada! Quem sois vós, cagarões d'Aveiro? Quem sois vós, para arrostar com o sr. morgado da Oliveirinha? Quem sois vós, para levantardes a grimpada deante do ministro do rei?

Eh! cagarões, para alli cagarões d'Aveiro, para alli que o sr. morgado quer, que o sr. ministro manda e contra o sr. morgado e o sr. ministro não ha tugir, nem mugir.

Anda, canalha, que para ti não ha brios, nem dignidade, nem honra, nem pudor. Anda, canalha. Acima de tudo está a vontade do sr. ministro e o sr. ministro é omnipotente.

Cidadãos de Aveiro, essa é a summula da conducta de Francisco Mattoso e de José Luciano de Castro. Ahi tendes o que elles pensaram. A explicação cabal do que se passa, é essa e só essa.

Cidadãos de Aveiro, isto é uma infamia.

A' urna pela nossa honra!
A' urna contra a lista dos firminos!

Quinto. E' indispensavel um estorço potente, o ultimo estorço, para erguer materialmente esta cidade da vergonha em que se encontra. Tão formosa que ella é! Tão grande que ella poderia ser! A vereação transacta, ou firminista, até n'isso tem sido uma vergonha. O bairro de S. Sebastião, o Rocio estragado, a estrada de Arada compromettida falam eloquentemente. O quartel é um desastre. Os alinhamentos das casas nas ruas da cidade são um nojo. As calçadas estão horriveis. As imundicies accumulam-se por todos os lados. A illuminação é um lógro. Emfim, a cidade, n'esse ponto de vista, está a par da mais infima terra sertaneja.

Habitantes de Aveiro:

E' um crime desaproveitar as bellezas naturaes da nossa terra. E' um crime a nossa indifferença. E' um crime deixar fugir esta occasião de dar á nossa terra uma vereação illustrada, intelligente, patriótica e digna. A vereação mattoso-firminista será uma desgraça, porque nem tem capacidade nem independencia para arcar com as difficuldades que requer a rehabilitação da nossa terra.

Habitantes de Aveiro:

E' independente todo o homem que conhece os seus direitos e deveres. Tende a consciencia de vós proprios e repudiad as imposições que vos queiram fazer. Desprezae os pedidos menos

justos. Cerrae ouvidos ás sollicitações que sejam contrarias aos interesses da terra em que nascestes e:

A' urna pela cidade de Aveiro!
A' urna pelo engrandecimento local!

Sexto. A lista que recommendamos representa a liberdade. A lista dos firminos e mattosos representa a reacção. Outra vingança! O jesuitismo não dorme!

Pois julgavam que a reacção se dava por vencida? Julgavam que não havia d'espreitar, como o chagal, o momento de saltar em cima da presa cubigada? Ai, pobre povo, que não conheces os bandidos!

Nós expulsámos as irmãs da caridade. E elles roeram as unhas! Nós inaugurámos a estatua de José Estevão. E elles morderam os dedos! Mas em silencio, no fundo da caverna—a consciencia d'elles! Depois, apanharam desfeita a colligação liberal. Viramos em desaccordo uns com os outros. E lá sahiram os reptis, rastejando, da caverna, julgando o momento opportuno para darem a ferroada.

Ainda d'esta vez vos enganastes, vermes traiçoeiros e injustos! O povo segue a luz.

Cidadãos, os firminos conspiraram contra a gloria d'Aveiro, contra o nome de José Estevão. Os firminos conspiraram contra a grande festa d'esta terra.

A lista dos mattosos é a lista dos firminos, a lista do jesuitismo. A' frente d'ella está o protector das irmãs da caridade, o maior reaccionario do districto.

A lista que nós recommendamos é a lista dos valentes campeões da liberdade, dos que combateram gallardamente contra o jesuitismo, a lista da democracia.

Liberaes, unamo-nos todos em face do perigo commum. Deixemos á porta do templo do progresso as nossas miserias discordias. Depoñhamos aos pés da estatua da luminosa liberdade os nossos despeitos ruins, as nossas paixões, baixas e mesquinhas. E seja o nosso grito até ao fim:

Viva a Liberdade!
Viva o Povo!

Recommendamos a todos os cidadãos, a todos os liberaes, a todos os nossos correligionarios a mais rigorosa fiscalisação e vigilancia sobre o acto eleitoral. Se em alguma assembleia não termino hoje o escrutinio e não ficarem junto á urna toda a noite alguns dos nossos amigos, podem ter a certeza, embora lá fiquem mil soldados e dois mil policias (quanto mais policias peor!) de que temos roubo certo e patifaria certissima. Olho aberto em todas as assembleias, que as manobras do governo hão de ser augmentadas e aperfeicoadas d'esta vez.